

Introdução

A UM ESTUDO DA PINTURA MODERNA

por Pierre de la Rue

FALAR da pintura moderna é abordar um assunto demasiado vasto para que possa ser tratado num só artigo. Assim, o leitor terá nestas palavras, apenas, uma espécie de introdução, a reunião de alguns elementos a nosso ver indispensáveis que lhe permitam apreender facilmente as notas voluntariamente secas que lerá mais tarde nesta revista sobre o movimento pictórico da nossa época.

Parece oportuno, antes de mais nada, fixar a nossa concepção do «Artista» e da «Arte de pintar», determinar as relações que existem entre o homem provido do dom físico de criar e a obra de arte.

Lembrando uma teoria que por ter perdido há muito tempo a sua originalidade nem por isso é menos verdadeira, dizemos, em primeiro lugar, que o artista é o produto do seu meio e do seu tempo. O artista, ser bastante excepcional, possuindo uma sensibilidade aguda, apercebe melhor que ninguém as correntes de ideias da sua época; melhor que ninguém recebe a influência do seu meio e da sua classe, e os modos de expressão de que usa para se manifestar reflectem, mau grado seu, as influências sofridas.

Não é novidade dizer que após a Renascença uma tendência para o individualismo predomina na vida social e que o mesmo individualismo social domina a expressão plástica. Desde o século XVI que a história não mostra, a não ser em momentos muito raros e em circunstâncias muito episódicas, aquela comunhão de pensamento, aquela universalidade sentimental que existiram noutras épocas.

Na Idade-Média, por exemplo, o artista não se distinguia do homem do povo, o escultor das catedrais trabalhava ao lado do pedreiro; recebiam a mesma educação, ganhavam o mesmo salário, pensavam da mesma maneira e, sobretudo, possuíam o mesmo ideal de piedade cristã. Nos nossos dias, o artista vem da burguesia, ou então, se é filho de camponeses ou de operários, deve fugir ao seu meio, adoptar a cultura dos burgueses, porque a dos seus pais a nada os conduz. Na Idade-Média não havia arte «popular» nem arte «superior», havia uma arte, a mesma para todos. Nos nossos tempos, existem duas, a popular, limitada pela insuficiência, e a outra, única que possui faculdades que lhe permitem desenvolver-se e apurar-se.

Disto se conclui facilmente que o artista, produzindo no centro do mundo em que vive antes de mais nada para si mesmo, seja levado a criar pessoalmente, para servir os seus complexos interiores e não para servir uma causa. A sua exaltação criadora não provém duma fé, alimenta-se de sensações pessoais. Muitas vezes, levado pelo desejo consciente de servir os seus semelhantes, pinta para o seu meio, mas na maior parte dobra-se sobre si, tornando-se assim mais fechado, mais difícil de compreender. Contudo, por mais secreto que seja, há sempre nêlo coisas que se podem considerar, julgar, gostar ou

repelir. São os sentimentos que exprime, são ainda e sobretudo, mais que a penetração sentimental que exige uma certa sensibilidade compreensiva, as suas qualidades de «pintor» no sentido mais estrito da palavra. Entendemos por isto, o sentido, a intuição das cores, das formas, da composição, êsse conjunto de dons materiais que formam o lado mais facilmente abordável do pintor, do antigo como do moderno.

Primeiramente dividiremos os pintores em três grupos — Instintivos, Expressionistas e Técnicos —, dizendo o que entendemos por esta divisão que pode à primeira vista parecer muito estreita, muito prejudicial à independência dos artistas.

Os «Instintivos» são os que, providos duma sensibilidade sobretudo humana, raciocinada ou não, traduzem espontaneamente nas obras as suas preocupações dominantes. O seu génio criador submete-se mais aos seus sentidos que à técnica. A Expressão artística faz-se nele uma função sentimental. A ordenação estética das suas obras tem por fim principal exteriorizar as reacções dos seus sentidos, instintos ou fé ante o motivo da sua inspiração.

Os «Expressionistas» são preocupados sobretudo por um pensamento puramente pictórico e espiritual. Procuram encontrar no «assunto» o seu espírito, a sua essência, o seu segredo; não hesitam em ir até à decomposição dêste «assunto» para atingir o fim que se propõem: operar uma dissecação completa, para o recompor em seguida segundo uma ordem que, continuando primariamente pictórica, isto é, feita para um prazer refinado dos olhos, restituirá à tela o segredo do «objecto», mostrará a sua verdadeira natureza e a plenitude da sua beleza.

Por fim os «Técnicos», fixos no seu officio, — não querendo senão conhecê-lo — submetem-se a fórmulas que os encerram no seu orgulho profissional e fazem-se, portanto, impenetráveis para os que não se iniciaram nas leis das harmonias subtis dos tons e das formas.

Definidas as influências que dominam os artistas, resta-nos ainda expor o que pensamos sobre os «Valores pictóricos», ou seja o conjunto das condições a reunir para a realização da obra de arte. Muitos crêem que a missão do artista é a de reproduzir fielmente a natureza. Se assim fôsse, o artista nada mais teria a fazer que copiar escrupulosamente tudo o que vê, sem considerar nem a hora, nem o lugar, nem o objecto, nem a composição do «assunto». Se a finalidade da arte fôsse a de reproduzir exactamente a matéria, tornar-se-ia impossível estabelecer tóda a diferença entre o belo e o feio, nada deveria ser descuidado e nada seria valorizado. Pelo mesmo meio se chegaria a suprir as diversidades de essência das artes entre si. Mas se o artista julgasse seu dever atingir êsse resultado, teria êle à mão os elementos que lhe permitissem reproduzir exactamente a natureza? Não. Apenas dis-

(Continua na pág. 15).